



Os sem religião: diálogos transatlânticos

Those without religion: transatlantic dialogues

*Donizete Rodrigues**
*Jorge Botelho Moniz***
*Paulo Mendes Pinto****

Introdução

A partir dos autores clássicos, os ‘founding fathers’ da Sociologia – Auguste Comte (1798-1857), Karl Marx (1818-1883), Émile Durkheim (1858-1917) e Max Weber (1864-1920) –, a Sociologia da religião viveu, durante décadas, sob a dominação do paradigma da secularização, em especial, a sua versão mais simplista que explicava que os processos da modernidade conduziram, inevitavelmente, ao esgotamento da religião ou, no mínimo, à diminuição do seu significado tradicional, social e institucional (Rodrigues, 2007).

A partir dos meados dos anos de 1980, no entanto, verifica-se uma mudança nos estudos de religião (*religious studies*), consubstanciada numa crítica mais sistematizada às teorias sociológicas clássicas da secularização. Isso deveu-se ao surgimento, desenvolvimento e aplicação da teoria econômica aos estudos de religião e, sobretudo, com as teorias da individualização e privatização da prática religiosa, incluindo, por exemplo, estudos sobre a não vivência religiosa, como o ‘ateísmo’, a categoria dos ‘sem religião’ e até mesmo a tese do ‘espiritual, mas não religioso’ (Moniz, 2017a). A nova percepção sobre o crescimento da não religiosidade, em particular desde os finais dos anos 2000, ajudou ao afastamento progressivo do paradigma anterior e à compreensão de suas falácias (Moniz, 2017b).

Por conta do reconhecimento relativamente tardio desse fenômeno, só recentemente se iniciou a investigação empírica sobre a categoria dos ‘sem religião’. Isso é evidente na forma como ainda se estão desenvolvendo as conceptualizações científicas que permitem categorizar e compreender os hibridismos, as múltiplas pertencas, os trânsitos religiosos

* Doutorado em Antropologia social (UCoimbra, Portugal), é pesquisador-sênior do CRIA (UNL, Portugal). ORCID: 0000-0002-2680-204X - contato: donizeterodrigues@fcsh.unl.pt

** Doutorado em Ciência Política (UNL, Portugal), é Professor Auxiliar e Diretor da Licenciatura em Estudos Europeus e Relações Internacionais da Universidade Lusófona (Portugal). Investigador integrado no LusoGlobe. ORCID: 0000-0002-1782-8037 - contato: botelho.moniz@ulusofona.pt

*** Doutorado em Estudos Culturais (UAveiro, Portugal). Diretor-geral Académico do Ensino Lusófona-Brasil. Investigador integrado no LusoGlobe. ORCID: 0000-0003-4706-1161 - contato: p971@ulusofona.pt

e não religiosos, as diferentes bricolagens (no sentido preconizado por Lévi-Strauss, 1958) ou a espiritualidade não religiosa. Mesmo com o aprofundamento da discussão acadêmica, ao nível conceptual, a categoria dos sem religião continuou sendo controvertida. Ou seja, por causa da miríade de camadas internas, se aproxima de construções conceptuais cuja compreensão operacional está sujeita a permanente debate e disputa, não possuindo, portanto, uma definição estanque ou definitiva.

A existência de diferentes categorias religiosas e não religiosas mostra a complexidade de propor qualquer categorização, mais ou menos derradeira, de auto posicionamento nas sociedades hodiernas. Neste contexto de individualização religiosa, as pessoas podem: se compreender como sendo seculares sem ser ateístas; participarem em cerimónias e atividades religiosas, mas não se autopoicionando enquanto crentes; assumir-se como culturalmente religiosas, mas rejeitando qualquer vínculo com uma crença, igreja ou religião institucionalizada, entre muitas outras possibilidades. Além disso, essas categorizações continuam se movendo entre o paradigma do declínio religioso, i.e., a secularização, e o da resiliência e reforço da religião e/ou espiritualidade em condições modernas; ou seja, a ideia de religião como constructo social. Ambas as perspectivas têm em seu âmago a tentativa de compreensão da evolução dos ‘sem religião’, explicando as implicações teóricas e sociais da deslocação e recomposição do sagrado.

Portanto, é apropriado dizer que muito dificilmente podemos enquadrar as pessoas sem religião em uma categoria totalmente homogênea e livre de lacunas. A literatura especializada que se tem dedicado ao tema tem demonstrado o quão complexa é a sua definição. Jörg Stolz (2017), por exemplo, preconiza quatro grupos gerais para categorizar os ‘sem religião’ – institucionais, alternativos, distantes e seculares. No entanto, essa classificação é ainda mais complexa, pois existem, em cada categoria, diferentes subtipos.

Por conta de todos esses desafios, foi somente a partir da primeira década do século 21 que este segmento religioso começou a receber uma atenção mais sistemática dos estudos de religião. Não obstante a atenção e interesse tardios a esse campo de investigação e à sua nova abordagem acadêmica, ele se assumiu como um modelo de análise central para a compreensão socioantropológica das sociedades atuais.

Com efeito, mais recentemente, tem aumentado o interesse acadêmico pela forma como certas sociedades contemporâneas se secularizaram e criaram circunstâncias potencialmente propícias à não religiosidade institucionalizada. A discussão deixou de ser unicamente em torno da ausência de crença em Deus, mas acerca da sua menor relevância para as decisões, escolhas e definição de atitudes e comportamentos cotidianos das pessoas. Isto é, a não religiosidade assume-se como uma esfera de análise essencial para todos os pesquisadores dedicados à compreensão das sociedades e das próprias dinâmicas sociais e religiosas da vida moderna.

Esse fenômeno, tema central de discussão no presente dossiê, é particularmente relevante na Europa. No espaço europeu, a religião tornou-se num desafio para as elites governantes que, por imperativos constitucionais de respeito pelo pluralismo ou autonomia individual, tendem a afastar-se do debate público e a remeter para a esfera privada os assuntos relacionados às crenças, identidades e normas religiosas. A retirada

de elementos religiosos da vida pública, e a sua substituição por outros associados a uma cultura pública (secular), parece ter sido acompanhada pelo aparecimento de um tipo de indivíduo secular que considera que os seus próprios valores e identidades básicas não tem que ter, necessariamente, uma ligação com os tradicionalmente manifestados pela religião; é exemplo disso o cristianismo, na sua versão católica e protestante.

Ainda nessa linha de pensamento, nas sociedades europeias, especialmente nas ocidentais, os processos da modernidade – como a racionalização, diferenciação funcional, societalização, segurança existencial ou diversidade cultural – conduziram ao desenvolvimento de uma religiosidade difusa que se traduziu num crescimento substancial de uma população conotada como não religiosa.

Trata-se de um longo e, aparentemente, consolidado processo de mudança paradigmática, que tem um momento axial na gênese da ciência moderna, no sentido mecanicista de entender o mundo físico, que nos séculos 18 e 19 permite compreender o funcionamento dos fenômenos naturais sem a necessidade de neles colocar a ‘centelha divina’. Mas foi também em termos políticos e culturais o trabalho dos chamados ‘mestres da suspeita’ (Nietzsche, Marx e Freud), na expressão de Paul Ricoeur (1960), naquilo que eles colocam de questionamento ao que era inquestionável.

Essa forma de ver o mundo alargou-se para a esfera do social: foi o longo processo descrito por Max Weber (1997, 2001) que, à falta de melhor tradução, se consignou em português chamar de “desencantamento do mundo” (Pierucci, 2004) – entender o mundo sem a necessidade de nele colocar o que sai fora da explicação racional dualista cartesiana.

Na perspectiva de Weber, mas também de outros teóricos clássicos (Comte, Marx e Durkheim), a relação modernidade/secularização/desencantamento do mundo implica, fundamentalmente, duas mudanças principais na maneira de pensar e explicar o mundo: a dessacralização das atitudes humanas e das coisas (no sentido durkheimiano); e a racionalização do pensamento (na perspectiva weberiana), ou seja, o uso da lógica e não do simbólico-religioso na explicação dos factos sociais. Nas palavras do sociólogo britânico Bryan Wilson (1976), trata-se de uma orientação racional empírica em oposição a uma orientação mágico-religiosa na visão do mundo.

Os dois países, objetos de análises do dossiê, apresentam histórias de diversidade religiosa muitíssimo diferentes no último século. O Brasil, marcado por uma diversidade e um eclodir de religiões, confissões e movimentos religiosos e espirituais, é um caso ímpar no mundo. Por sua vez, em Portugal, a diversidade religiosa é um fenômeno recente, que teve lugar fundamentalmente após a revolução democrática de 1974, quando um grupo de vários fatores (liberdade religiosa, regresso e vinda de populações das antigas colónias de África e fluxos migratórios) entrou num verdadeiro “acelerador de diversidade religiosa e espiritual” (Pinto, 2023, p. 236).

Apesar destes diferentes caminhos face à diversidade religiosa, o olhar comparatista entre os dois países revela-se do máximo interesse: pelas proximidades históricas, culturais e linguísticas, pelos grandes fluxos migratórios entre os dois países (nomeadamente da presença de brasileiros em Portugal), bem como pelas semelhanças estatísticas do fenômeno dos ‘sem religião’. Então vejamos.

No caso específico de Portugal, e segundo os censos de 2021¹, os ‘sem religião’ situam-se acima dos 14%, afirmando-se como o segundo maior grupo da população. De recordar que esta é uma tendência que se vem consolidando, dado que, anteriormente, segundo a mesma fonte, entre 1991 e 2011, a população residente que se autoidentificava ‘sem religião’ quase triplicou.

Na verdade, a realidade portuguesa reflete uma tendência europeia, mais do que isso, ganhou uma dimensão global, principalmente a partir dos meados da década de 2000. Segundo Ronald Inglehart (2021, p. 110), a partir de 2007, “as coisas mudaram a uma rapidez surpreendente”, com a esmagadora maioria dos países a tornar-se menos religioso. Esse cientista político concluiu que, entre 2007 e 2019, um corpo alargado da população mundial deixou de considerar a religião como uma fonte necessária de apoio e significado para as suas vidas.

Do outro lado do Atlântico, o cenário é relativamente análogo ao europeu. Na América Latina, comumente considerado um subcontinente religioso, houve um considerável aumento da categoria dos ‘sem religião’, correspondendo, atualmente, ao terceiro maior grupo de autoidentificação religiosa nessa região. Especificamente no Brasil, os ‘sem religião’ cresceram de forma significativa – entre 1991 e 2010, de 4,7% para 8%, segundo os últimos censos. Para reforçar essa ideia, é pertinente realçar que existem alguns indicadores atuais que apontam um contínuo crescimento dessa categoria, situando-se em torno dos 14% da população² – valor idêntico ao registrado em Portugal.

Esta (r)evolução cultural-religiosa transformou o estudo da não religiosidade numa das principais narrativas sociológicas atuais, tanto nos estudos de religião, como na construção e governação das sociedades contemporâneas. A investigação, análise e interpretação deste fenômeno é hoje, provavelmente, um dos maiores desafios para os cientistas sociais, na procura constante de explicar o papel da (não) religião nas sociedades modernas.

Para finalizar, o presente dossiê, de diálogos transatlânticos entre Brasil e Portugal, procurou reunir textos, resultantes de pesquisas, teóricas e empíricas, que tentam compreender as dimensões conceptuais e a evolução histórica, sociológica, antropológica ou política do fenômeno dos ‘crentes sem religião’. O objetivo centra-se na discussão sobre a contingência cultural do próprio conceito ‘sem-religião’, a forma como diferentes vicissitudes socioculturais e religiosas afetam a representação da não religião no espaço público e a identificação dos contextos sociais onde os indivíduos não religiosos se enquadram, institucional ou não institucionalmente.

Não assumindo uma posição definitiva sobre as suas construções conceptuais, como pudemos verificar nas pertinentes discussões trazidas pelos textos que compõem o dossiê, partimos do pressuposto de que o conceito de ‘sem religião’ já oferece, atualmente, uma

1 Instituto Nacional de Estatística – Censos 2021. XVI Recenseamento Geral da População. VI Recenseamento Geral da Habitação: Resultados definitivos. Lisboa: INE, 2022. Disponível em <https://www.ine.pt/xurl/pub/65586079>

2 IBGE- Censo Demográfico 2022: população por idade e sexo: resultados do universo: Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html?=&t=sobre>

base epistemológica suficientemente trabalhada para se avançar com uma concepção operativa do conceito. Assim sendo, deve-se compreender o já expressivo segmento dos 'sem religião', não de forma isolada, mas, principalmente, através de sua relação com o fenômeno religioso (e espiritual) mais amplo, no contexto da denominada pós-modernidade, com as suas evidentes e expressivas transformações sociais, culturais e religiosas.

Referências

- INGLEHART, Ronald. *Religion's Sudden Decline: What's Causing It, and What Comes Next?* Oxford: Oxford University Press, 2021.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon, 1958.
- MONIZ, Jorge Botelho. As teorias da secularização e da individualização em análise comparada. *Estudos de Religião*, vol. 31, n. 2, p. 3-33, 2017a.
- MONIZ, Jorge Botelho. As Falácias da Secularização: análise das cinco críticas-tipo às teorias da secularização. *Política & Sociedade*, vol. 16, n. 16, p. 74-96, 2017b.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos de um conceito*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PINTO, Paulo Mendes. *Portugal e as Religiões: a herança da diversidade/Portugal and Religion: heritage and diversity*. Lisboa: Clube do colecionador dos CTT, 2023.
- RICOEUR, Paul. *Finitude et Culpabilité*. Paris, Aubier Editions Montaigne, 1960.
- RODRIGUES, Donizete. *Sociologia da Religião: uma introdução*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.
- STOLZ, Jörg. Milieus and Mixed Methods. Describing and Explaining Religion and Secularity in Switzerland. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, vol. 69, n. 2, p. 361-386, 2017.
- WEBER, Max. *Sociología de la Religión*, Madrid: ISTMO, 1997.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- WILSON, Bryan. *Contemporary Transformations of Religion*. Oxford: Oxford University Press, 1976.